

ERNESTO VÁRZEA (Balmaceda)

MOCIDADE DE TRÊS POETAS BARCELENSES

JAIME DE SÉQUIER
ALFREDO CARVALHAIS
ANTÔNIO FOGAÇA



1951



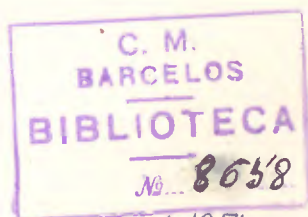
ERNESTO VÁRZEA (Balmaceda)

MOCIDADE DE TRÊS POETAS BARCELENSES

JAIME DE SÉGUIER
ALFREDO CARVALHAIS
ANTÔNIO FOGAÇA



0095



15.XI.1951
Barcelona
Perru

1951

Este exemplar, um dos cinco tirados em papel
"couro" pertence ao Ex^{to} Sr. António Silva,
a quem o autor agradece os valiosos elemen-
tos que lhe facultou para a elaboração deste
modesto trabalho.

Outo 1951

Benedictus

(Galman)

Conferência pronunciada
na Assembleia Barcelense

Barcelos
17
Março
1951

DO AUTOR:

- O homem que matou a actriz* — Porto, 1923 (novela, de colaboração com Mário Ximenes)
Os filhos da noite — Lisboa, 1930 (novela)
O Teatro na Lei — (Apontamentos à margem da legislação sobre espectáculos e contributo para a sua reforma) — Porto, 1939-2.^a edição
«Os Lusíadas» no Cinema — Porto, 1940
Breve notícia histórica sobre Vila Nova de Gaia — Em «O Nosso Concelho» — Porto, 1948
Das vantagens do Porto possuir um Teatro Municipal — Em «Civitas» — Porto, 1948
Breves notas históricas sobre o concelho de Celorico de Basto — Em «O Nosso Concelho» — Porto, 1951

CONFERÊNCIAS

- As más leituras* — Associação Cristã da Mocidade — Porto, 1924
A descentralização do ensino — Federação dos Amigos da Escola Primária — Porto, 1925
A Cinematografia interpretativa da História — Associação dos Amigos do Cinema — Porto, 1927
Mocidade de três poetas barcelenses — Assembleia Barcelense — Barcelos, 1951

TEATRO

- Inverno* — 1923 (lever-de-rideau)
A Culpa — 1924 (drama, 1 acto)
Fontainhas — 1926 (opereta, 3 actos, de colaboração com Carlos Moreira e Décio Nunes)
A Revolta — 1931 (drama, 1 acto)
Glória a Portugal! — 1934 (fantasia infantil, 2 actos, de colaboração com D. Estefânea Cabreira)
Modéstia à parte... — 1942 (revista, 1 acto)
Onde é o fogo? — 1943 (revista, 1 acto)
Uma mulher ao volante — 1945 (comédia, 2 quadros)

TEATRO RADIOFÓNICO

- (De colaboração com D. Martha de Mesquita da Câmara)
Carnaval eterno — 1 acto
A volta da Primavera — 1 acto
O maior sacrifício — 1 acto
Sexto sentido — 1 acto

SAUDAÇÃO PRELIMINAR

Barcelenses, eu vos saúdo. Eu te saúdo, Barcelos! E ante o prazer que sinto em falar no teu fidalgo solar, agradeço o ensejo de vir enfileirar entre os que teem recebido convite para estes serões culturais — tantos nomes brilhantes nas letras e nas artes! — eu que, pobre de mim, não venho com a minha palavra mais do que trazer tributo de homenagem que não ensinamentos.

Agradecimentos não os mereço. Sou eu o devedor. E tenho que expressar a minha gratidão, mais do que pelas imerecidas palavras de apresentação que me alarmam pela responsabilidade que sobre os meus ombros pesa, depois delas, ante tão distinta assistência, pelo ensejo dado, como honra, a quem, mais por amizade do que por merecimentos próprios, foi escolhido para subir a esta tribuna. E desse sentimento amistoso que homens de Barcelos manifestam pelo meu apagado nome, posso dizer que estamos quites. O muito que quero a esta terra e a simpatia que lhe tributo, são de sobra paga desse sentimento. Como contas orçamentais em que débito e crédito são semelhantes, as nossas contas estão, nesse particular, rigorosamente exactas.

Eu te saúdo, Barcelos! Eu te saúdo diocese sem catedral; como algumas casas nobres de Entre-Douro-e-Minho que não se orgulham de ascendência real, mas de ter dado reis à Nação, podes orgulhar-te de ter sido o berço de ilustres príncipes da Igreja Nacional de aquém e de além-mar: D. Godinho, arcebispo de Braga; D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal; D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca; D. Baltazar e D. Pedro de Vilas-Boas, que foram prelados de Elvas; D. José da Silva Ferreira, bispo de Tânger; D. Joaquim Pereira Ferrez, bispo em Bragança e depois em Leiria; e o maior de todos, por ser o mais humilde, o mais modesto, o mais fidalgo filho do povo e que, por isso, escolheste para símbolo na homenagem justa que lhe prestaste, erguendo-lhe um monumento votivo, príncipe da pobreza, heroi das

mais belas campanhas do Ultramar, D. António José de Sousa Barroso, que foi missionário no Congo, prelado de Moçambique, bispo de Meliapor e do Porto — uma das mais gentis figuras de cristão que tive a dita de conhecer de perto, lembrança viva da Igreja dos tempos apostólicos, por suas virtudes, por sua bondade, por sua humildade, beatificado pelo teu bom povo e ainda hoje lembrado com respeito e saudade nas longínquas paragens onde exerceu o seu apostolado.

Eu te saúdo, Barcelos! Eu vos saúdo, barcelenses, que tivestes, na vossa ascendência, acção de presença no Salado, onde se bateu Martim Gomes Gaio; na Ala dos Namorados de Aljubarrota, onde esteve António Gonçalves de Faria; na evangelização da Índia onde foi martirizado Frei Jerónimo do Espírito Santo; na era alta dos descobrimentos em que, com João Fernandes Labrador, seguia Pedro de Barcelos; na colonização do Brasil de que Tomé de Sousa foi o primeiro governador geral; e, mais recentemente, nas campanhas da Africa e na Grande Guerra, Barcelos mandou queridos filhos seus onde a Pátria exigia o sangue de portugueses na defesa do prestígio nacional. São nomes que pertencem à história contemporânea os do Conde de Vilas Boas e do major Francisco Vila Chã Rodrigues Leite.

Eu te saúdo, Barcelos, berço ilustre de tantos nomes ilustres! Eu te saúdo ainda pela tua beleza, beleza que não podia deixar de inspirar o espírito dos poetas.

JAIME DE SÉGUIER

Não tinha ainda 20 anos Jaime de Séguier, neto do grande António Rodrigues Sampaio, quando, na exuberância da tua paisagem, se inspirou para estas quadras cheias de colorido :

É alto o dia. Das flores
abrem-se as urnas de prata.
A luz ondula em cascata
resplandecente de cores
.....

Ao longe o rio cintila
como um *alligator* de aço
e o Sol, abrindo no espaço
a sua enorme pupila,

em largos jorros brilhantes,
em grandes lufadas plenas,
veste as campinas serenas
um dólmán de ondas vibrantes.

Quem não sentirá, numa inundação de beleza, a expressão destas simples quadras, olhando em dia vibrante de sol esta paisagem luxuriante na sua divina serenidade, desde os cimos às margens do rio que, agitado pela briza, parece uma cota de malha, na feliz imagem duma velha canção árabe.

A Natureza é cor. A Natureza é música. Jaime de Séguier, na poesia da sua mocidade, é já o poeta cuja vida vai correr serena e tranquila, o intelectual que poderá dar largas ao seu espírito crítico como observador. E' o poeta saudável, cuja vida vai decorrer suavemente, de pena delicada, trabalhando todos os géneros, com uma escola de jornalista que lhe vem dos 15 anos, idade com que entrou

no «Jornal da Noite» e do convívio com o avô em cujo jornal «A Revolução de Setembro» colaborou com assiduidade.

Não há, no principio da sua carreira, dificuldades de qualquer espécie. Nem a vida eivada de privações que faz dos poetas revoltados, olhando as misérias alheias à luz da própria miséria; nem a doença que os torna amantes da morte, vendo-a aproximar-se, a pouco e pouco, cada vez que, num acesso de tosse, vão pintando papoilas vermelhas no seu lenço branco adrede levado aos lábios; poetas que querem «viver» depressa, cantar até ao último momento, beber a taça de fel da vida como ambrosia deliciosa que, gota a gota, se vai extinguindo; também a Jaime de Séguier não apareceram os entraves que tantos toparam na estrada árida; é, logo de menino, festejado, acarinhado; vê abertas as portas dos jornais, colabora em pé de igualdade com velhos e experimentados trabalhadores da pena; vê-se, por vezes, ainda com menos de 20 anos, com a responsabilidade da direcção dum jornal.

Por isso, por que a vida lhe sorri, a Natureza se lhe apresenta bela e forte como o seu temperamento, e a música o encanta, e em tudo vê cor e melodia. Os seus versos saem límpidos, claros, musicais; enche-se-lhe a alma de luz, e a pena decorre suavemente como na encantadora «Sonata em sol menor»:

A paisagem é uma inundaçãõ de flores,
um dilúvio de tons, um deboche de cores
que, em doido frenesi, que a madrugada inflama
sobem a escala toda e correm toda a gama.

Roxo, amarelo, verde, azul, vermelho, anil,
fulguram «pêlo-mêlo», em confusão febril,
deslaçam-se em festões, enroscam-se em grinaldas
vermelhas, de rubis, e verdes, de esmeraldas,
como se um prisma enorme, agigantada mol,
decompuzesse ali todo o clarão do sol.

E então, em vibrações melódicas, felizes,
dessa aglomeração imensa de matizes,
desse «crescendo» suave, harmonioso e mudo
que vai do roxo «grave» ao rubro «sobre-agudo»,
ergue-se como um fluido esplêndido, vibrante,
todo o vasto fragor duma orquestra gigante.

Uma imensa bondade inunda a natureza
Aspira-se a candura, aspira-se a pureza.

Quando a beleza esplendente lhe não enche a alma, brota do seu espírito a ironia e, mesmo nas raras vezes que quer exprimir a dor, veste-a duma túnica de encanto, pois Deus não a criou senão como ante-câmara das delícias eternas.

Teem laivos de poesia junqueiraiana, na beleza lapidar da forma, na virilidade, os versos em que descreve a morte do ateu, do inconformista, sonhador de longínquos ideais, que parte para o Além, incompreendido do Mundo, mas a quem assiste, no último momento, humilde e doce, a esposa, a única que o sentiu nos seus sonhos de perfeição, sem o entender nas suas ideias, mas certa da beleza da sua alma, tendo-o ouvido muitas vezes nas suas manifestações de descrença, na negação de Deus, mas que crê na universalidade da bondade divina a que não tolhem peias, que tudo vê e sabe, e não pode castigar com a maldição eterna mesmo os que o negam, se não os nortearam na curta passagem por este mundo, mais do que ideais de bondade, de solidariedade, de amor e de piedade. A morte aproxima-se. Parece ter adormecido já para sempre o pobre visionário; parou o olhar, o coração não se ouve bater, e a companheira do homem que passou a vida a negar Deus, embora cumprindo os seus mais altruístas mandamentos de solidariedade humana:

Julgou tudo acabado e, então, a desmaiar,
sobre o peito do ateu poison um crucifixo...
Depois tombou no chão, prostrada, a soluçar!

Rompera o sol entanto e na amplidão harmónica
brilhava, impresso em rubro, o seu disco de luz
como sobre a candura algente de Verónica
se estampa, impressa em sangue, a face de Jesus!

Esplêndida a manhã cantava! Ao moribundo
o sol bateu no rosto, iluminou-lho em cheio,
e fê-lo estremecer, soltar um ai profundo!

Depois, com grande esforço, ergueu o corpo a meio.

A este movimento, a cruz, escorregando
de manso, resvalou sobre o leito do ateu...
Ele viu-a!

Depois, com um aspecto brando,
fitou o olhar na esposa e tudo compreendeu.

Ficou parado, assim... a contemplá-la absorto...

Depois, chamou-a a si, beijou-lhe as mãos, sorrindo,
E caiu para traz, sem um suspiro, — morto...
Morto e ainda a sorrir...

O sol ia subindo!

Não há, nesta tela em que a Morte é a personagem principal, invisível mas presente, um gesto de revolta, nem sombras, nem a dura expressão da Natureza que tão bem se coaduna com as cenas de tra-

gédia, numa associação de dor que tanto relevo dá ao descritivo. Não! A Natureza é indiferente às paixões e às dores humanas. Uma vida se extingue num sorriso, e uma mulher — só, abandonada, — fica como um frangalho, esmagada pela sua amargura, preza àquele sorriso que já não é deste mundo. E, esplêndida, a manhã cantava e o sol subia no espaço.

As suas ideias são sãs. Da velha escola liberal de Sampaio, saem da sua pena algumas páginas de revolta como «Camões» e «O Czar». São chicotadas e não lamentos.

Mas o poeta dessas e doutras apóstrofes, não se conformando com injustiças ou iniquidades, sente-as de longe, castiga-as em gesto largo. É o mesmo que nos dá «A resposta de Bébé», subtil de graça, raio de sol nascente a recordar o ocaso, sorriso grácil e ingénuo em que a forma — como tantos poetas de hoje esquecem que a forma é a escrava do assunto! — nos dá toda a fragilidade das duas crianças em presença. Bébé faz cinco anos. A casa está em festa. A graça da pequenina enche toda a casa! É Bébé a rainha do lar; é da sua alegria comunicativa que, em milagre de amor, toda a família vive aquela data festiva e é, então, que

Cheio de júbilo e esperança
à festa do aniversário
chega uma nova criança,
— o avôzinho, octogenário.

Traz à pequenina neta
maravilhas imprevistas.
Avô quer dizer poeta
e os poetas são fantasistas

As prendas são colocadas diante de Bébé, entusiasmada ante o cada novo «bonito» que vem enriquecer a sua «corbeille» de futilidades.

Um prodígio! e entusiasmado
disse o velho: — Dá-me em troca
um beijo... chuchurriado
na tua rosada boca!

Bébé fitou-o um momento
como uma «coquette» esquivada...
Mas, depois, num movimento
de gratidão expansiva,

abraçou-o e, de mansinho,
ele ouviu-a segredar:
— Com tanto mimo, avôzinho...
acabo por te estragar!

Jaime de Séguier viveu 72 anos. Depois de experimentado no jornalismo, como literato, como articulista, como crítico, o «Iriel» admirável das crónicas para a «Folha Nova» tem a paixão das viagens. E, se era capricho, se era mais um capricho, vê-o facilmente satisfeito: com 22 anos inicia a sua carreira consular. É despachado cônsul para Bordeus, depois para Paris, Roma, Londres, Génova, novamente Paris, vai ao Brasil, e, finalmente, na capital da França, onde se fixou, viveu os seus últimos anos, reformado já, até 1932.

O autor de «Alegros e Adágios», o livro de versos da sua mocidade, de «O Revólver Kleutgen», que em belos versos traduziu para o teatro «O desquite» e «Ramo de lilazes», compulsa elementos para um dicionário prático ilustrado, um «Larousse» em português e escreve, para as crianças, uma «História de Portugal».

A sua vida literária decorre serena. A época em que passa a sua mocidade descuidada de criança mimada, a quem satisfazem todos os caprichos, força-o a ser um homem da sociedade e a profissão que escolheu obriga-o também à delicadeza de maneiras que toma expressão nos seus versos. De uso e costume, em festas elegantes, os poetas recitavam. Recitava-se nos salões, nos teatros em récitas de caridade, como se recitava nas portarias dos conventos. Recitava-se de improviso, ou compunha-se «ad hoc». Fazia-se as mais das vezes, Arte pela Arte, sem profundidade, só como pretexto para se dizerem versos que faziam sorrir, endeixas com direcção certa ou simples apontamentos como «Os dois gatos», delicioso soneto que ainda hoje se ouve com agrado e é índice dessa literatura feita de nada, agradável ao ouvido, em que não há mais do que versos, os catorze versos que o soneto exige, sem a fadiga dum assunto que obrigue a pensar, sem a obscuridade duma segunda intenção, versos límpidos, parecendo de facto um improviso, tal o tom de conversa com que parece ter-se estendido até aos últimos tercetos o projecto duma história que não chega a contar-se, pois a primeira quadra a diz toda, na sua simplicidade:

Era uma vez... Perdão, perdão se neste instante
me atrevo a importuná-la, afim de em tom faceto
lhe recitar baixinho a história interessante
da gata toda branca e do gatinho preto.

Era uma vez... Depois da história eu lhe prometo
que me retiro logo e que não sou secante.
Deixe-me só atar num laço provocante
ao pescoço do gato o guiso dum soneto.

Era uma vez... A história é bem curta. Os herois
valem por muitos mil, mas são apenas dois:
Ele uma joia, e ela, ingénua, boa e franca

Era uma vez... O enredo é simples talvez...
Amam-se. Nada mais. E hoje... era uma vez
Um gato todo preto e uma gatinha branca...

As senhoras de hoje já se desabilitaram de ouvir recitar nos salões. As que nasceram nestes últimos vinte anos, diriam mesmo, se um poeta, entre um «swing» e uma «raspa», aparecesse no meio da sala para dizer os seus versos:

— Que estopada!

Não sei se têm ou não razão. Sei que era assim. E que as mulheres do meu tempo ainda há 20 anos nos aturavam, com agrado, embora já se não escrevessem, senão muito raramente, versos nos leques e poucas livessem albuns para recolher os nossos autógrafos. Mas, se alguma coisa ganharam em se desinteressarem dos poetas, às vezes muito mais maus do que bons, a verdade é que desabilitaram também os poetas de prestar a homenagem devida à sua beleza e fragilidade, talvez por que a beleza é hoje um pouco feita em série, na cor dos cabelos escolhida por catálogo, como o papel de forrar casas ou como a cor dos lábios, no desenho das sobrancelhas uniforme, talvez por que a mulher, a todo o momento se orgulha em negar essa fragilidade, competindo em tudo connosco até no peor e mais antipático dos nossos vícios: o cigarro.

Vai para 70 anos que Jaime Séguier escreveu no leque duma pianista — as pianistas também são hoje raras — estes versos que qualquer rapariga de hoje comentaria com um sorriso de piedade. Não chegam a comentar por que não usam leque e a maioria não sabe tocar piano e os «zoot-zoot-suiters» que as namoram, se fazem versos, andam preocupados com problemas complicados que estão em moda ou com o trabalho de escrever dificilmente, em linhas desiguais, frases que nunca acertem de ter o mesmo número de sílabas, que não possam ter cizura, e que não rimem, nem por acaso, para serem em tudo modernas.

Jaime de Séguier, há sessenta e oito anos, tomou o leque oferecido pela pianista e escreveu:

Se eu pudesse imprimir nestas frias varetas
o delírio, a paixão,
que sente ao perpassar sobre as teclas inquietas
a sua branca mão,
se eu conseguisse tal, se essa febre sonora
o meu verso inspirasse...
Era arrojo de mais... Talvez, minha senhora,
o leque se quebrasse.

Hão-de achar risível o exagero da imagem. Mas no vosso íntimo, em horas de tédio de muita desgraciosidade que se desprende da vida de hoje, talvez vos sentísseis felizes, enternecidas, mais mulheres, se pudésseis despertar de poetas românticos — e há disso hoje? — o preito de homenagem devido à vossa beleza, à graciosidade do vosso eterno feminino.

Todo o desprezo pelo romantismo é mais aparente do que real. A mulher há-de ser sempre, no seu íntimo, eternamente mulher. E a delicadeza devida, como homenagem, ao seu sexo, há-de sensibilizá-la eternamente.

A Mulher há-de ser sempre motivo de adoração e a teoria da igualdade de sexos é crise que há-de passar quando a mulher se convencer de que a sua única força reside na sua desigualdade, na sua fraqueza, na sua frágil graça natural. E voltará a ser cantada, como motivo primacial, pelos poetas. E os poetas talvez cuidem melhor da forma dos seus poemas para se tornarem dignos de tão encantador motivo.

Algumas senhoras sorrirão em concordância. Outras terão um sorriso de ironia. As primeiras crêem na força da sua graça. As outras sabem ter uma poderosa arma nesse sorriso. Graça que Deus lhe concedeu, arma que Mefisto pôs nas suas mãos para governar o mundo, servindo-se dessa quinta coluna. É este o assunto duma das mais deliciosas poesias de Séguier, escrita em francês, língua que, de muito jovem, ele cultivava como a sua. Intitula-se «Moqueuse». E principia:

Après t'avoir créée, enfant suave et blond
Dieu, le peintre suprême et le sculpteur du monde
Resta calme et pensif et sourit vaguement,
Car il n'avait jamais dans la nature vaste
Fait rien de plus charmant, de plus doux, de plus chaste,
Que ton âme de vierge et que tes yeux d'enfant !

Deus está satisfeito com a sua obra. Olha tranquilamente a bela adormecida. E...

C'est alors que Satan, le vieux serpent perfide
Leva sa tête hideuse et vit l'œuvre splendide
Rayonner chastement sous les astres sereins
Et blême et furieux, le vieux démon sauvage,
L'éternel E'crasé, tardit ses poings de rage
Et se roula par terre et se mordit les mains.

A noite era de sombras. Tudo era silêncio e treva. Satanaz, ciumento, aproxima-se da casta e pura donzela, muito branca e calma e...

... mit sur tes lèvres roses
Avec son doigt brûlant, un pli toujours moqueur

Desenha o velho demónio, com o seu dedo em braza, nos lábios belos da jovem, um traço de escârneo. Toda ela é graça e juventude. Mas...

... je le sens parfois, ô belle enfant farouche
Ce ne fut pas en vain que sur ta rose bouche
Satan mit un instant son doigt jaloux et noir.

É para todo o sempre, quando aos vossos lábios aflora um sorriso em graça divinal, um traço de ironia; que o Democrito desenhou, é a arma invencível de vossa lendária fraqueza. Vencer pelo sorriso é a vossa missão neste mundo.

Jaime de Ségurier foi poeta da Mulher, como o foi da Música e da Cor. Como podia um amante da cor e da música deixar de adorar a mulher!

ALFREDO CARVALHAIS

Há meses, na hemeroteca da Biblioteca Municipal do Porto, folheava velhos jornais, apreciando a luta travada na Imprensa a quando do terceiro centenário da morte do autor de «Os Lusíadas», em que a comissão organizadora das comemorações a realizar no Porto leve de bater-se com um grupo aguerrido de intelectuais tendo à frente Silva Pinto.

O «cavalo de batalha» de Silva Pinto era a constituição daquela comissão para que não foram convidados os mais destacados nomes do jornalismo e das letras.

Querendo arripiar caminho, os membros da comissão acabaram finalmente por enviar diversos convites. A 18 de Março de 1880, a «Voz do Povo» comunicava que Camilo devolvera o que lhe fora enviado e, no dia seguinte, Silva Pinto prevenia a comissão de que não devia enviar-lhe qualquer convite. No dia 19, o mesmo jornal publicava esta declaração:

Perfilhamos, para os devidos efeitos, a declaração registada pelo nosso colega o senhor Silva Pinto na «Voz do Povo» em seguida à declaração de recusa do senhor Camilo Castelo Branco.

E assinavam Emídio de Oliveira, Pedro de Lima, Narciso de Lacerda, Gualdino de Campos, Alfredo Carvalhais, J. M. de Santana e Silva, Eduardo Barros Lobo, Sá de Albergaria e José Pereira de Sampaio (Bruno).

Dias antes, a 15 de Março, tinha Silva Pinto citado os nomes de alguns esquecidos, com Camilo à cabeça, e a 16 vinha com esta ressalva:

Entre os nomes que ontem mencionamos — de literatos esquecidos pelos amadores do Palácio de Cristal (era no Palácio de Cristal que tinha a sua sede a Comissão) — não apareceu o de Alfredo Carvalhais. Com inteira satisfação lembramos apenas os testemunhos de consideração literária que o poeta nos tem sempre conquistado.

Quem era este homem que em 1880 — com 29 anos — merecia ao temível panfletário a consideração duma nota rectificativa em termos tão lisonjeiros?

Não é fácil descobri-lo se procurarmos nos verbetes das bibliotecas públicas o nome de Carvalhais. De todos aqueles nomes o hoje mais esquecido — Pedro de Lima — tinha já um livro publicado em 1867 e havia escrito o libreto da ópera «Eurico», extraída do romance de Herculano, musicada pelo barcelense Miguel Angelo Pereira e cantada já em Lisboa (1870), no Porto (1871) e no Rio de Janeiro (1878).

De Carvalhais nada se encontra publicado naquela época. Publicou depois um folheto dedicado a Camões e correu também impressa uma paródia à «Judia», poesia então muito em voga de Tomaz Ribeiro.

Muitos anos depois da sua morte, Júlio Brandão referia-se-lhe nestes termos:

Vinha do ultra romantismo, sarcástico e doloroso. Passou por todas as vicissitudes da boémia pobre. Alcoolizou-se, increpou a burguesia opipara; crivou de sátiras cruas o amor; fez espiritismo a sério e jornalismo amargo; foi odiado pela maior parte, temido de muitos, querido somente dos que tinham olhos para ver os lampejos da sua alma, em que havia laivos de Esporoceda e o negrume fatal da sua desgraça. Ele próprio se chamou umas vezes Falstaff outras vezes Job. Num dado momento da sua vida teve um grande amor que lhe tornou a existência ainda mais cruciante. No fundo, Leopardi.

Da sua obra apenas ficaram dois opúsculos, um dos quais camoniano.

A restante, a dispersa por jornais e revistas, há muito que está coleccionada pela benemerência dum dos seus admiradores. A sua cidade natal tem-no esquecido. No entanto é, inquestionavelmente, um poeta original e notabilíssimo.

É uma apreciação a distância no tempo, quando sempre se procura fazer justiça e não há já invejas a toldar a liberdade da crítica.

É, pois, mais interessante voltarmos à época em que viveu e em que já sabemos que os mais ilustres plumitivos o consideravam seu par.

Em 1884, tinha o poeta barcelense 33 anos, e há muito vivia no Porto. O «Almanaque do Sorvete» — jornal humorístico que naquela época se publicava na minha terra — sob o título «Procissão de celebriedades Portuenses» publicou a caricatura de Alfredo Carvalhais feita por Sebastião Sanhudo, acompanhada desta legenda de autoria de António Cruz, que foi redactor do «Jornal de Notícias»:

ALFREDO CARVALHAIS

Poeta satírico, lírico, irónico, sardónico e boémio

Exactamente por ser muito pouco feliz, com poucos motivos para ser alegre, é que ele gosta de cantar.

Não é porém um poeta que faz cantigas, é um poeta que faz versos, o sonetista mais primoroso da geração actual.

Fanático pelo espiritismo, com uma imaginação de alucinado, Alfredo de Carvalhais

confessa que não poucas vezes invoca os espíritos. Um dos seus sonetos mais brilhantes — *Beatrice* — saiu-lhe depois duma invocação ao espírito de Dante.

Doente, boêmio incorrigível, Alfredo Carvalhais vive de noite.

Noite alta é vulgar encontrá-lo passeando com estranhos personagens que ele classifica de «amigos da penumbra».

Fala baixo, compassadamente, arripiando as raras palavras dum risinho agudo como a fricção duma lima sobre um bocado de aço. A si mesmo se denomina Falstaff e os «gavroches» com que ele gosta de se entreter ou lhe chamam esse nome ou «o homem do pardo», alcunha originada dum casacão lendário que lhe peregrinou no corpo por largos anos.

Esquisito de génio e de maneiras, Alfredo Carvalhais foge da sociedade limpa para viver entre uma sociedade que ele conhece.

Arruinado por uma vida pouco regular, mata-se lentamente. O seu belo espírito não se ressentia porém da doença do corpo.

Com longos intervalos, infelizmente, o moço poeta trabalha, e a cada nova produção mais afirma quanto dele havia a esperar, se alguém conseguisse arrancá-lo da estranha vida em que se afundou numa nevrose lastimável.

Dou-lhes a transcrição total desta biografia e faço-o por diversos motivos. Primeiro, por que deve ser um retrato fiel de Carvalhais, em que se não nota a louvaminha baixa de quem quer ser amável, nem o azedume de quem quer ser desagradável. Qualidades e defeitos são anotados sem paixão. Ressalta o valor real do homem que, quatro anos antes, Silva Pinto dizia «ter conquistado» os seus «testemunhos de consideração literária» e a quem «Bruno», «Spada» e outros do mesmo nível intelectual, consideravam seu igual.

Em segundo lugar é digno de ser conhecido como há 67 anos era possível dizer-se em vida um feixe de verdades a um escritor, sem o receio de o ferir nas suas susceptibilidades, dizendo-lhe mesmo que se está matando lentamente. Seis anos depois, Alfredo Carvalhais morria.

E, finalmente, lendo as biografias que esporadicamente a Imprensa publicou, não encontramos senão cópias, mais ou menos romanceadas, dessa nota justa de António Cruz, ilustrada por Sanhudo.

Está dito tudo sobre a mocidade deste poeta de Barcelos? Quase. Esses 39 anos que andou por este mundo, foram de trágico destino, salvo talvez os anos de meninice que aqui viveu, na sua terra, cuja paisagem não esqueceu nunca. O seu espírito voava como ave de arribação que tivesse fugido do ninho onde nascera, no desejo de lá voltar um dia. E escreve dirigindo-se à andorinha:

Mas corre, corre, ferindo
As auras de Portugal
E em vendo o céu puro e lindo
Da minha terra natal,
E em vendo as verdes ramagens
Enfeitando as mil paisagens
Do meu Cávado gentil,
Traze-me ternos suspiros
Desses tão lindos retiros
Para o Douro de esmeril.

Viviam ainda nos seus olhos cansados as recordações da terra distante e, podemos crê-lo, de mais felizes dias. Era a cor de esmeril do Douro a que melhor se coadunava com a dolorosa existência que escolhera.

E as mil paisagens do seu Cávado gentil traziam decerto ao seu espírito horas mais serenas, transparentes, claras, espelhantes de sol, como as águas tranquilas do rio sob o céu puro e lindo da sua terra natal.

O grande poeta barcelense teria caído totalmente no olvido, mesmo dos seus conterrâneos, se Camilo o não tivesse posto em destaque no «Cancioneiro Alegre», assim se lhe referindo:

Revelou-se de súbito este poeta sarcástico. É realista dos mais avançados, conhece a língua portuguesa e a *grivoise*, antepôs a leitura aos desvarios da ideia moderna; descarna pelo pôdre e pelo são; faz caricaturas quando bosqueja tipos; faz monstruosidades espantosas de graça; obriga a rir-se a gente de misérias que, descritas doutro feitio, fariam chorar.

D. Alberto Bramão, andando um dia a passear na Foz do Douro, com Raúl Brandão, encontrou pela última vez o poeta.

Carvalhais — conta D. Alberto Bramão — entrara já no período do esfacelamento orgânico, derrancado pelas arremetidas sifilíticas e alcoólicas, pela sua incorrigível vagabundagem nocturna. Teria então trinta e cinco anos, mas estava velho.

Logo nos convidou a abancarmos num gabinete do Café da Boa Vista e mandou trazer um jarro de vinho e três copos.

Aceitamos os copos para fazer companhia. Eu bebi um, Raúl Brandão, que foi sempre inimigo de bebidas alcoólicas, fingiu que molhava os lábios. Carvalhais bebeu o resto. Eram dois litros. Nos intervalos, entre copo cheio e copo vazio, deliciou-nos com episódios e histórias de boémia, de conflitos e de vários amores em que a sua existência andava enrodilhada, pondo sempre nos conceitos uma expressão de sarcasmo, acentuada por uma boca enorme, com alguns dentes apenas, escassos e negros.

E o depoimento continua até à miserável morte de Carvalhais, no quarto sórdido da Rua de S. Victor, com pormenores terrificantes que não quero trazer até aqui, mas que, na biografia do poeta, dão ideia nítida da sua fatalidade. Porque nenhum homem da sua época foi mais respeitado do que ele pelo seu talento e não lhe seria difícil encontrar esse «alguém» a que António Cruz se referia que «conseguisse arrancá-lo daquela estranha vida». Mas ele entregava-se voluptuosamente à sua desgraça, à sua vida repelente, não por que as forças repelentes da vida o procurassem, mas por que ele se lhes entregava com sádico prazer. E entregava-se-lhes lubricamente, com o goso do sofrimento. Alguns empregos, que teve acidentalmente, fazem crer que tivessem procurado arrancá-lo às companhias inúteis que preferia e aos antros em que gastava a sua saúde, numa boémia sem objectivo, e que a sociedade mais afim da sua também fazia noutros meios. Ele mesmo acompanhava, como se vê, com os seus iguais que não

fugiam da sua aproximação. Foi companheiro de Diogo de Macedo, que julgo ser um tio do escultor, e de outros talentosos rapazes da estúrdia da época. Mas era aos estranhos companheiros e companheiras da mais baixa escala social que voltava, rindo-se deles certamente, como passou a vida a rir de si, quando aparentava esse sarcasmo irritante e cáustico que era uma manifestação exuberante da sua impotente vontade para lutar contra o maior inimigo que teve: ele próprio. Escreveu sob a acção do álcool admiráveis poesias que depois cautelosamente corrigia na forma e ordenava, compondo os seus belos poemas e os sonetos impecáveis, que deixou espalhados pela pequena e a grande Imprensa, republicando-se muitas vezes, com ou sem emendas, sempre bem recebida a sua honrosa colaboração.

A investigação dificultosa que hoje tenta fazer-se sobre a vida de alguns escritores, procurando conhecer, no ambiente em que viveram, a génese da sua obra, a explicação de certas atitudes literárias, não tem lugar no caso de Carvalhais. Os depoimentos dos seus coevos são inúmeros e minuciosos. É mais fácil conhecer a sua vida do que a sua obra. Posso orgulhar-me de ser dos raros que manusearam o conjunto da maioria das suas produções literárias, recolhidas carinhosamente através do paciente trabalho de muitos anos por outro altíssimo espírito de poeta, Álvaro de Castelões, que ofereceu essa colectânea preciosa ao vosso conterrâneo e meu estimado amigo António Silva.

Senti as suas incertezas, os seus arrebatamentos de paixão, as suas amargas ironias, e concluí que essa obra cheia de beleza, mesmo no que tem de mais amargo, era em parte devida à fantasia do poeta, criando musas inspiradoras e compenetrando-se inteiramente da sua existência real na sua vida, de que elas às vezes nem suspeitariam; outras vezes deformando, moldando em sublimidade e dando-lhes chama interior, toscos modelos que não se encontrariam facilmente, completamente irreconhecíveis na obra de ficção realizada.

Diz-se que Alfredo Carvalhais teve um grande amor impossível. Não é de estranhar que todos os seus verdadeiros amores fossem necessariamente impossíveis. Era toda a sua vida a reflectir-se na sua obra, uma busca do inatingível que lhe dava esse prazer estranho da desgraça.

A própria dor física, segundo outro depoimento da época, lhe dava prazer, não se defendendo se tentassem agredi-lo, nem evitando os golpes para sentir sofrer a sua carne.

Era um doido ou um desgraçado?

Um ironista? Um revoltado?

Apenas um impotente contra a infelicidade que modelou com carinhos de artista, incapaz dum gesto para se soltar das suas prezas.

Um homem caído num poço interminável, sabendo que a morte o esperava a meio do caminho e indiferente às mãos salvadoras que que se lhe estendiam.

Fiel a um destino semelhante ao dos cães vadios, como diz no seu soneto que principia assim:

Sempre os amei. Destino semelhante
Parece unir-me àqueles visionários
Como eles beijo a mão fria, aviltante,
Que a cruz me impõe dos fúnebres calvários.

Como uns velhos filósofos lendários
Andamos farejando a cada instante,
Eles, uns magros ossos solitários
Eu as visões que redimiram Dante.

Em 4 de Junho de 1946, quando os restos mortais de António Nobre foram retirados do cemitério do Prado do Repouso, no Porto, para o de Leça da Palmeira, as ossadas de Carvalhais foram encontradas. Marques da Cunha, outro poeta que a morte ceifou quando muito havia a esperar do seu talento de jornalista cheio de nervos e de brio profissional, escreveu em «O Primeiro de Janeiro» estas palavras:

Por um singular capricho do Destino, a essa mesma hora e naquele mesmo cemitério do Prado do Repouso, procedia-se na secção privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, à exumação dos restos mortais dum outro talentoso e infortunado poeta: Alfredo de Carvalhais — o meigo e apaixonado cantor da *Beatrice*, nascido em Barcelos e falecido na capital do Norte, quando tinha somente 39 anos de idade. Mais afortunado na morte do que na vida — pois a sua existência decorrera sempre agitada num torvelinho de tormentosa desventura — acolheram-no misericordiosamente, num coval humilde, sob a benção tutelar duma consagração póstuma e perene. Completando agora esse preito de simpática homenagem, os restos mortais daquele talentoso e inspirado poeta foram recolhidos numa pequena urna e, juntamente com outros, serão sepultados sob um monumento votivo — no qual se gravarão, para todo o sempre, o nome e o apelido do romântico trovador, em cuja lira, embora engri-naldada de crepes, não deixou nunca de vibrar, o mais puro sentimento dum constante e incompreendido amor...

Falou um poeta cuja morte enluta ainda de dor recente o meu coração de amigo.

Demos agora a palavra a Alfredo Carvalhais, tantas vezes citado e que nunca tomaram a sério a iniciativa de editar. Escolho a sua poesia «Adeus» que consubstancia muito da sua maneira de ser e de pensar:

Não me tornes a olhar! Os teus olhos, Maria,
Jorraram sobre mim torrentes de agonia!
Senti-me vacilar, quase morto de luz!
Ah! não queiras tornar mais agro o meu calvário!
Deixa que eu leve oculto, ignoto e solitário
Ao Gólgota fatal a minha enorme cruz.

Escuta! Afeito estou à sombra esquecimento!
Fez-se em torno de mim a calma do moimento!
Vejo tudo sombrio, esteril, ermo e nu!
Se ao menos o destino, o acaso, a providência,
À mingua de riqueza, à mingua d'opulência,
Me houvesse feito, flor, tão nobre como tu!...

Mas apenas me coube em partilha, Henriqueta
Em vez dum desses bens, um'alma de poeta
— Causa que o mundo julga uma infâmia, um labeu!
Sim, nada mais possuo, e no entanto eu queria
Ter o que os outros tem: — riqueza, fidalguia,
E em cima de tudo isto o teu amor — um céu!

Passo como um proscrito, um réprobo, um boêmio!
Quem me há-de dar na terra o meu perdido grémio,
— A santa Chanaan dos santos ideais!
Homem da estrela má, maldito, reprovado,
Quer no céu, quer no inferno, absolto ou condenado,
Deus não nos pode unir! Que horóscopos fatais!

Deus, esta cousa atroz, esta palavra horrível,
Chata como um burguês, negra como o Impossível,
Sempre esta sombra ignara, esta palavra — Deus! —
Mas Deus é poderoso, onnipotente e forte,
Inacessível rei, senhor da vida e morte...
Não tornes a olhar, Maria, adeus, adeus!

O eterno incompreendido nunca se encontrou a si próprio. Os outros admiravam-no. Ele procurava pretextos para chorar por si. E sentia a nostalgia profunda dum carinho sonhado e nunca encontrado:

No alvor dessa cambraia
Que te circunda o colo,
Eu — rosa que desmaia
Em negro, estéril solo —
Deixa que pouse um dia
A fronte já cansada,
O' rosa perfumada,
O' fonte de poesia...

Fonte de poesia eterna que tão belos versos inspirou, nunca Alfredo de Carvalhais encontrou o descanso tranquilo desse colo sonhado que lhe permitisse transformar, na hora última, o seu riso sarcástico, num sorriso bendito de paz, de amor e de serenidade...

C.M.B.
Biblioteca

ANTÓNIO FOGAÇA

Antônio Fogaça. Tenho no ouvido a musicalidade deste soneto que figurou já numa antologia de grandes poetas, intitulada:

A GAIVOTA

Passa-me o rio em frente da janela
Muita vez, ao luar, noites de rosa.
Vejo boiando uma gaivota ansiosa
Sobre a corrente murmura, singela.

É sempre a mesma. É uma delícia ve-la
E tanto me entretém, voluptuosa,
Que chego, nesta vida trabalhosa,
Quando ela falta, a ter saudades dela.

Pois que, vendo-a passar boiando e mansa
Sinto-me alegre, e ocorrem-me à lembrança
As conquistas, a lira, a «morbidezza».

De um trovador ditoso, flutuando
Pelos canais, em gôndola, cantando,
Nas amorosas noites de Veneza.

Aproximemos de nós a imagem de Veneza, com um luar de prata a fazer ondear as águas em manchas claras e brilhantes, toalha de cristal que a noite pintou de negro e mal sussurra ao corte suave das gôndolas deslizando entre as sombras. A gôndola é uma imagem. Acudiu ao espírito do poeta como lembrança dum passado que nunca se viveu e que é sempre presente no espírito dos poetas que sonham, na esteira uns dos outros, com belezas longínquas que fazem sonhar. A gôndola é uma imagem. Veneza é uma imagem. Mas são

realidade, nos olhos abertos do poeta, o luar, as águas quietas, a gai-vota branca. .

Quanta vez o poeta, da sua janela aberta sobre o Mondego, sonhou, vendo-a descer, pequena e imprecisa, como uma rosa branca e perfumada que se tivesse desprendido ou alguém tivesse abandonado dos dedos esquecidos, e que enchesse de perfume todo o ambiente, e fosse embalada na corrente calma para o desconhecido...

É que António Fogaça — um dos mais altos entre os vossos poetas — tinha os olhos cansados do vosso sol, do oiro líquido do vosso rio que parece uma braza à luz do meio dia entre as margens quietas, escaldantes, pintadas do multiverde das searas, com cascatas brancas de cubos acastelados uns sobre os outros e enchapelados de vermelho, a trepar pelas encostas, e descansava dessa embriaguês de luz e cor nas noites pálidas de luar, em que as margens são negras, as searas são negras, o céu é uma grande abóbada negra e só as águas do rio se sensibilizam, estremecendo ao contacto suave do luar, brincando com ele, levando-o consigo, afogando-o nas suas águas plácidas mal o lilaz da manhã o surpreende, e o empalidece, e o some, por fim, dissolvido na luz do dia que nasce. Um rio que não era o seu, passava-lhe em frente da janela. E o poeta perdia os olhos sonhadores nos rebrilhos balouçantes das águas:

Vejo boiando uma gaivota ansiosa
Sobre a corrente múrmura, singela.

Pouco importa que o Poeta tenha seguido o embalar suave da gaivota branca nas águas do Mondego. Ele andava sempre ausente, namorador do luar, e era o mesmo luar da sua terra que ele via em toda a parte, sentindo-se perdido num deserto, à procura dum oásis nunca atingido, mas que ele pressentia, canção de amor dispersa:

...pelos céus do meu lar, os céus risonhos
que me encheram de frémitos e sonhos
quando eu era criança, junto ao berço;

e que ainda agora, ao longe, com saudade,
são talvez esse oásis que procuro...
sempre a luzir na ideia do futuro,
sempre a cantar na minha mocidade.

Mal começou António Fogaça o 3.º ano de Direito em 1888. A sua feição literária recebeu a influência dos parnasianos — Gonçalves Crespo, João Penha, António Feijó, Luís de Magalhães, Álvaro de Castelões, Conde de Monsaraz, Luís Osório... toda uma geração que cultivava as formas lapidares que pareciam talhadas em mármore e hoje, lidas, são duma beleza fria.

Foram seus companheiros António Nobre, Alberto de Oliveira e Eugénio de Castro. Começavam já a surgir as primeiras poesias simbolistas. Eugénio de Castro pouco tardaria a publicar os versos revolucionários de «Oaristos» e breve se lhe juntariam D. João de Castro, Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro, Júlio Brandão e Oliveira Soares.

A escola simbolista classificou-a um crítico «como uma reacção muito salutar contra o que havia de rígido nos Parnasianos e, por sua vez um prolongamento e uma transformação muito inteligente do Romantismo».

Foi nesta hora que, fúgidamente, passou por Coimbra António Fogaça. Que facilmente adquiriu prestígio em meio tão difícil, prova-o o facto de, ainda calouro, acompanhar com rapazes de todos os anos e das mais brilhantes mentalidades da época. Além de alguns que já citei, Solano, Santos Melo, Pinto da Rocha, Forbes Costa, Bernardo Lucas, Silva Cordeiro, Francisco Bastos, Costa Macedo, Costa Santos, Eduardo Vale, Bernardino Zagalo, Carlos Braga, Silvestre Falcão e Bráulio Caldas.

É ele, ainda secundanista, que em Fevereiro de 1888, é escolhido para saudar, em nome da Academia Coimbrã, a Tuna Compostellana, recitando a sua saudação em verso que principiava em estilo empolado:

A Alegria vai dar a altiva recepção
Todo o sangue reflue no nosso coração
Tomado de surpresa, do fulgor dos diamantes;
E nos mesmos instantes
Em que ela surge avara, simples e formosa,
E as mil cintilações redobram nos espelhos
Caem junto a seus pés — que são hastes de rosa —
Os artistas de joelhos.

O poeta embalsamou de rosas a sua curta passagem pela terra. Pressentia-as em tudo quanto de belo lhe despertava os sentidos. O mais suave perfume, a expressão mais delicada, a mais pictórica nota de cor, o sentimento mais casto ou o mais inebriante estonteamento tinham na forma, no colorido, no odor das rosas, o seu termo de comparação predilecto.

É a delicadíssima figura, pequenina e grácil da menina de seis anos, florzinha ainda em botão:

Beleza em miniatura
Decerto não há rosa
que tenha mais frescura...

São as formas sonhadas da noiva:

Vem a meus braços, namorada Esposa
quero sentir, sonhando,
o fluido que envolve inebriando
essas formas de rosa.

E ainda as linhas da bailarina de feira, oferecendo o corpo à
avidez das multidões nas voltas estonteantes da dança andaluza :

Ó bailadeira formosa
errante de praça em praça,
de linhas feitas de rosa
e gestos feitos de graça ;
Salero !

Na «Estância da Carne», António Fogaça pede a graça de desnudar o corpo desejado. E para firmemente, convincentemente, dizer que a beleza oculta não pode ser criadora, consubstancia nestes dois versos a sua ideia :

Nem as Rosas, nem Deus, Miguel Angelo ou Rubens
honrariam o Sol quando está entre núvens !

E até no domínio da beleza espiritual, quando já se não trata da forma, mas do imponderável e indefinível, ainda é a cor dela que o Poeta encontra como a que melhor exprime a ideia da pureza :

Eu dela não sei nada,
a não ser que a sua alma é cor de rosa.

Se quer dar ideia da mágua, da tristeza, o Poeta vê a rosa bela, a rosa divina, a rosa toda delicadeza, ceder à lei fatal que determina a morte de toda a beleza marcando inexoravelmente a luz cinzenta do Outono, povoada de sombras, lacrimějante de folhas secas atapeitando o chão dos bosques, depois da aleluia moça e vibrante de cores que se chama Primavera.

A tristeza assemelha-se a uma rosa que ficou esquecida na roseira com a defesa inútil dos seus espinhos, ou à que foi levada por mãos avaras, ciosas da sua beleza — qualquer delas desprendendo-se, pétala a pétala, sem perfume e sem cor, ficando como caveira horrenda presa à haste sem vida :

Se passas junto a mim
triste e deliciosa,
ao ver-te assim,
triste, meu coração se esfolha como a rosa.

Os olhos de Fogaça sonham, como todos nós sonhamos desde meninos, com castelos no ar, fantásticos castelos de ilusão que passamos a vida a perseguir e nos fogem como imagens vaporosas. Sentiu as rosas a perfumar esses palácios de sonho, habitados por fadas.

Não podiam faltar como componentes primários desse todo de beleza.
E promete :

Hei-de dar-te um palácio com mil portas
que encerre tudo quanto fantasiámos
— rosas, volúpia, música, afeições...
A porta mais pequena é para entrarmos
e são as outras para as ilusões.

Quando o Poeta começa a vestir luto por si e sente inexplicavelmente que toda a sua vida se cifra nessa mocidade que vive a largos haustos e pouco ou nada existe para além dela a não ser o desconhecido de que nunca houve alguém que desse notícia segura, canta a ária do luto em que desfolha sobre a vida a perder-se as primeiras pétalas delicadas de rosas :

Como tu, mocidade, eu colhi rosas ;
.....
Eu adorei as pálidas imagens,
as rosas ideais do sentimento
e a açucena azulada desta vida.

Eram elas que, em jardim perfumado de ilusões, lhe falavam, com ciúme, do rosto dela :

...Eram as Rosas ; não me viam
Mas surpreso, escutando, vi que entre elas
se falava em teu rosto. Assim diziam
essas Rosas tão belas :

Se o céu havia de creá-la ! e enfim...
vir mostrar-nos depois a sua face
antes nunca creasse este jardim,
antes não nos creasse !...

Na «Tela Rústica», António Fogça dá-nos o único quadro cheio de sol, de vida, de saúde, de calor e de dia de toda a sua obra. É um lampejo viril, como se se seguisse a uma transfusão de sangue novo no seu sangue rosado e doente. Que fatigante tela ante os nossos olhos ! Fechamo-los e sentimos ainda nas pálpebras cerradas o rubro desse sol intenso a queimar-nos os olhos de beleza. Mas esse fogacho sem par dura um só momento. Ele é, por excelência, o poeta da noite. Não o sensibiliza a noite atemorizante, molhada de chuvas, raivosa de ventos, troante de tempestades desencadeadas sobre as nossas cabeças. Ignora-as o Poeta, ou foge delas.

Para ele, a noite é sempre calma, tranquila, sossegada, com um grande luar de prata nesse escrínio escuro. As árvores são manchas

negras desenhadas mais profundamente no negro da noite. As águas dos rios vão quietas, sem sussurro ou marulhar, como lagos enormes que só a lua topassse e, no palor que tudo alaga, fossem única nota viva. António Fogaça, o poeta das rosas, é também o grande amante da lua.

Logo no prelúdio do seu livro, ele nos previne de que a sua serenidade de poeta se criou sob a carícia terna do luar, antes do sol nascer :

Abro-te, livro meu, entre os alegros
suavíssimos da noite — sob a lua,
num dilúvio de encantos que flutua
pelos montes fantásticos e negros
.....

Eu quis ler-te, ao luar, sem preconceitos,
pelas horas de paz, antes do sol,
quando sonha, cantando, o rouxinol,
quando os noivos se abraçam sobre os leitos.

Mas o luar passa breve. Renova-se permanentemente, abandona-nos, deixa-nos saudosos... Como um sorriso que nos encanta e nos foge, esse sorriso

que, ao passar,
nos bate em cheio em nossos corações,
dá-nos tristeza, assim como o luar
que ilumina as prisões.

Luar pálido, suave, imaculado como um seio virgem, o cofre natural da amada do poeta onde guardava as cartas que ele lhe escrevia para que ninguém mais as visse :

.....
«escondo-as aqui dentro...» E abriu-me o seio...
Não é mais doce a palidez da lua!

Em «Lyras», o mar embravece, quando lhe falta a carícia do luar. No quarto de Laís brilhava o luar batido pelos raios da Lua: É sempre a Noite a sua companheira, a sua irmã, a sua igual,

Irmã do meu coração
Noite, meu sinistro encanto.

Um dia o Poeta tem o pressentimento de que a sua noite não terá fim. Assusta-o, atemoriza-o, essa perspectiva. A noite que se lhe apresenta não deve ter luar. E o Poeta, a quem a doçura duma noite luarenta inebria, tem medo duma noite de eternidade, sem luar, sem

rosas, sem rebrilhos trémulos de águas mansas sobre que voguem fantásticas gaivotas, tem medo de que essa noite perene mate as suas esperanças, e pergunta, em dúvida ainda da sua desilusão:

Pois minha alma estará sem brilhaos, quase morta?
Pois terei de enterrar, assim como quem lança
Diamantes à cova, a flor da minha esperança?
Direi em breve tempo ao coração: perece!...
São horas de entoar a derradeira prece?!...

E tem uma reacção violenta, como que a querer enganar-se, dizendo aos seus vinte anos que tem direito à saúde e à vida:

...para expelir do sonho as névoas de amargura
para antever, sem luta, a própria sepultura
o tenebroso, o abismo, o vago, os desenganos,
basta encarar o sol e ter feitos vinte anos.

Não basta, Poeta. Os teus olhos vão fechar-se para a noite de encantamento e de beleza, não verás mais a tua gaivota predilecta sobre as águas, deslizando suavemente, mas haverá, durante muito tempo, perfume de rosas à tua volta. O teu amor morreu. Disseram-te que ele morreu. Segredaram-te que o perdeste...

Dizem-me que morreste!
Para eles, talvez; mas, para mim,
não, meu amor celeste;
não pode ser! que ainda te adoro, sim!
A ti, rosa celeste,
assim a núvem te escondera, assim...
Se julgam que morreste,
é bem melhor.. Só vives para mim.

Vais agora viver para a saudade. O teu sonho nasceu dessas cinzas ardentes, dessa celeste rosa que se desfolhou para todo o mundo e para ti sorri ainda na perenidade da sua infinita beleza. Não precisas mais de reagir, poeta e sonhador. Vai soar no relógio do Destino a hora suave do teu noivado. No claustro enorme da catedral gótica que tem por cúpula o céu de veludo escuro, ouvem-se os acordes vibrantes duma marcha nupcial.

A tua saudade torna-se um enorme disco de luar, iluminando o Infinito. Que belo e esplendente luar como outro se não viu ainda! Que imprecisas notas vindas dum côro invisível, tão doces, tão doces, como este perfume de rosa que enche a nave enorme e se estende em todas as dimensões como se todo o Mundo, fora do Mundo, fosse um enorme roseiral.

Já se não revolta o Poeta. Já não chora. Não há já lugar para desilusões. Tudo é azul à sua volta. As águas quietas, as margens

quietas, o céu imutável. Alé do sol claro a esconder-se, parece des-
prender-se uma luz azul que envolve tudo. O Poeta sonha novamente.
Mas não se revolta já contra os seus vinte anos sem fé. Nada há de
perdido no seu passado, nada se perderá no seu futuro — no longo
futuro que o aguarda.

No clarão, em que a sós seus olhos fita
como que avulta a fronte aurifulgente
da noiva, que anteviu, num estro ardente,
— forma e desejo da sua alma aflita.

De súbito, num grito de ansiedade,
quando o véu da penumbra e da saudade
tocou do céu na abóbada azulada...
O poeta exclamou, cheio de sonho:
Nesse país suavíssimo e risonho
é que eu hei-de esposar-te minha amada!

Dizem os registos oficiais que António Maria Gomes de Ma-
chado Fogaça, aluno do 3.º ano de Direito, nascido a 11 de Maio de
1863 em Vila Frescaínha (S. Martinho), faleceu em 22 de Novembro de
1888, às 2 da tarde, na Couraça de Lisboa, 57, freguesia de S. Cris-
tovão de Coimbra.

A casa 57 da Couraça de Lisboa, diz Octaviano de Sá, «é so-
branceira ao rio Mondego, com 2 andares, de janelas rasgadas, dela
se divisando perfeitamente a curva do rio, o bairro de Santa Clara, a
Quinta das Lágrimas, a dos Esteios, largo e desembaraçado horizonte,
céu recamado de estrelas, veigas verdejantes e águas de prata desli-
sando molemente...»

E os jornais noticiaram que foi trasladado para Barcelos a 29
de Novembro, juntamente com os restos mortais de uma das suas
irmãs. Desgraçadamente, as suas ossadas perderam-se no cemitério
da sua terra.

Os Poetas cantaram quando perderam o seu convívio.
É Albertina Paraízo que o recorda:

Quando o Sol te beijava a altiva fronte,
Banhando-te em seu vivo resplendor,
Morreste, como morre um sonhador,
D'olhos postos no límpido horizonte.

E Alberto de Oliveira. E Júlio Brandão, e tantos outros o
choraram.

Bulhão Pato escreveu, biografando-o em meia dúzia de linhas:

Brioso e gentil, a mãe adorava-o; os condiscipulos aplaudiam-no; tinha pouco
mais de 20 anos; era um poeta. Morreu ontem! Não conheci dele senão algumas notas
fugitivas; mas dessas notas faiscava o talento. Fantasia, colorido, graça, naturalidade e sim-
pleza no dizer...

Conta-se que, antes de partir, o Poeta adorador da Lua, voltou os olhos amortecidos de sombras para o Sol, um sol-saudade que ele tão raro cantou e não se via nesse dia triste, enevoado e cinzento de Inverno. E teria composto a quadra que corre como sua última produção e se popularizou como muitas outras que ficaram a viver nos lábios das tricanas:

O sol era o meu amigo
Mas, como tanto se eleva,
Um dia que fui consigo
Caí, rolando na treva.

A tarde estava escura. Tão escura... Pouco passava do meio-dia e não se via o Sol. E vinha longe a noite que não traria luar, escondido nas núvens de cinza escura e suja que se tornariam negras no preto infundo da noite. Fogaça adormeceu nesse ambiente de luto da Natureza.

E António Nobre dedica-lhe estas duas quadras no «Só»:

— Andas de luto pesado
Linda irmã das cotovias
Quem morreu? — O meu amado:
Enterrou-se há oito dias...

— Mas (bem sei que o mundo zomba)
Negra irmã das violetas!
Antes te vistas de pomba...
— Mas também há pombas pretas!...

E, como eco longínquo, para lá do céu lutuoso, pesado e triste, o Poeta ainda se escuta:

Nesse pais suavíssimo e risonho
é que eu hei-de esposar-te, minha amada!

Enganaram-se os poetas, irmãos do Poeta. António Fogaça não morreu. Foi, num leito de rosas, noivar junto da Lua...

SUGESTÃO FINAL

Vou terminar. Falei-vos da mocidade de três poetas — um que conheceu a felicidade duma vida tranquila; outro que sentiu, com prazer estranho, numa volúpia próxima de loucura, todo o peso de permanente sofrimento físico, moral e mental; outro que mal teve tempo de sorrir à vida, indo procurar a felicidade nas paragens longínquas do Desconhecido, para lá do reposteiro preto que nos separa do Além, de que nos fala Goethe.

Barcelos de todos eles pode orgulhar-se. E se me permitem sugestão amiga não ficava mal que desta contribuição modesta para honrá-los, sáísse iniciativa de realce entre os seus conterrâneos. O nome de Jaime de Ségurier ficava bem numa das vossas praças ou ruas principais. Um busto de Fogaça era ornamento precioso, entre as vossas flores, nesse encantador jardim que é a vossa sala de visitas; e quanto a Carvalhais, não podia ser-lhe prestada melhor homenagem do que seleccionar da sua obra dispersa o material para um livro — um belo livro de versos a perpetuar a memória desse desgraçado poeta, cuja desgraça foi a sua musa inspiradora.

E seja-me relevado, minhas senhoras e meus senhores, que humilde caminheiro arribado hoje a este belo rincão de Entre-Douro-e-Minho, vos não traga notícia de mais longes terras com que viesse, atrevidamente, com ares de petulância, como portador de mensagem ou descobridor de mundos, alguma coisa de estafado apresentar-vos visto por novos ângulos, como ora soe dizer-se em linguagem de cineasta.

Perdoai-me o ter vindo falar-vos familiarmente dos da vossa família, de parentes queridos cuja memória guardais decerto no vosso coração.

Que, ao perdoar-me o atrevimento, seja levada em linha de conta a intenção de homenagem justa a tão linda terra, onde o imperdoável será o não ser-se poeta.

E, longe de mim o intuito de ter dado uma lição magistral, que a vossa sensibilidade, minhas senhoras, e a luz suave dos vossos olhos, consiga o milagre de transformar as minhas descoloridas palavras em flores de campo, pobrezinhas embora, pouco duradouras depois de colhidas, atiradas em braçado sobre as campas dos vossos Poetas.

Piogefu

biblioteca
municipal
barcelos



8658

Moidade de três poetas
barcelenses